

A
CASA
DO
CAPITÃO

ALEX BITTEN

O autor de *O Navio Fantasma*

A
CASA
DO
CAPITÃO



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021
Copyright © Alex Bitten, 2016

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

PREPARAÇÃO
Leiliane Lima

REVISÃO
Bianca Gulim

CAPA
Sara Vertuan

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Bitten, Alex
A casa do capitão / Alex Bitten. – 2ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-89850-16-8

1. Ficção brasileira 2. Suspense I. Título

CDD: 869.3



São Paulo
Avenida Paulista, 326,
cj 84 - Bela Vista
São Paulo / SP – 01.310-902
www.editoracoerencia.com.br

Para minha amada mãe, Isabel.

UNIDADE DE ELITE

O último dos cinco canhões de cento e cinquenta milímetros explodiu junto com as caixas de munição que estavam próximas, e uma bola de fogo azulada elevou-se, iluminando e aquecendo a madrugada úmida e gelada. Pedacos de metal e concreto da casamata que servia de proteção voaram na direção das nuvens pesadas e escuras, para descerem em seguida, atingindo a terra encharcada e as copas das árvores que estavam próximas. Dois caminhões carregados com munição, ocultos por uma rede de camuflagem, também explodiram.

Os incêndios iluminaram a escuridão da noite, mostrando as trincheiras dispostas em semicírculo, os sacos de areia e as crateras abertas pelo último bombardeio que havia tentado destruir aquele lugar. Os vultos se moveram, aproveitando a escuridão que as chamas não conseguiam alcançar, e se aproximaram com cautela do centro de artilharia, sem fazer o menor ruído, como se pertencessem à escuridão e pudessem retornar para ela assim que desejassem.

O homem que liderava aquela unidade se movia devagar em meio aos escombros, atento a qualquer movimento. Ele era alto, segurava um fuzil de assalto, tinha o rosto pintado e usava uma roupa de combate noturno. Procurou o inimigo com os seus óculos de visão noturna, e examinou o terreno à frente.

Não havia nenhum movimento, apenas uma grossa camada de lama. Ele abaixou os óculos de visão noturna, entrou na trincheira e caminhou com cuidado em cima de alguns troncos colocados no fundo, para não encharcar as botas ou se atolar.

Então a chuva veio, leve de início, mas aumentando até se tornar torrencial. Ele se aproximou das estruturas que abrigavam os canhões. Os canos das armas de grosso calibre, aquecidos pelas chamas, chiavam ao receber a chuva fria.

Parou atrás de uma estrutura de concreto semidestruída e observou seus homens entrarem nas trincheiras, chegarem aos bunkers e, após examiná-los, sinalizarem que não haviam encontrado nenhum soldado inimigo. O líder da unidade, então, saiu da trincheira e entrou no bunker à frente. Caminhou por um corredor, parou junto à grossa parede de concreto e entrou na sala pronto para disparar, mas não houve barulho de tiros. Examinou o grande canhão destruído e procurou em vão por algum objeto de valor. Depois, saiu do local por um buraco no concreto e sinalizou para outro dos seus homens, que entrou em uma trincheira, correu por uma dezena de metros e, colocando a mão na borda do buraco, saltou com agilidade de volta ao seu lado.

— E então? — questionou o líder.

— Nada, senhor, não encontramos ninguém. Os bunkers estão vazios, não há nada além de armários, algumas mesas e camas destruídas. Encontramos alguns mapas com prováveis posições de tropas. — Ele sorriu e puxou um mapa de dentro da jaqueta, no qual se viam círculos azuis e vermelhos desenhados. — Mas duvido que as marcações sejam verdadeiras.

— Vamos levá-los para o pessoal da inteligência. Nós fazemos a nossa parte, e eles fazem a deles.

— Sim, senhor. O que acha que aconteceu aqui, senhor?

— Eles colocaram explosivos nos canhões e abandonaram o local um pouco antes de chegarmos. Não foi uma retirada apressada. Este local é estratégico e estava defendendo uma ponte que os nossos rapazes estão tentando conquistar há algum tempo. Com este lugar, eles conseguiram deter três ofensivas feitas pelo nosso exército. A pergunta é: por que abandoná-lo?

— Não faço a menor ideia, senhor. Será que haverá mesmo uma trégua?

O líder da unidade soltou um grunhido.

— Faz algumas semanas que estão dizendo isso, mas até agora não aconteceu nada. Talvez seja um presente para nós, Garcia — disse, dando

um tapa em seu ombro. — Chame Barcelos, mande-o avisar ao centro de operações que cumprimos nossa missão e solicite uma carona.

— Sim, senhor.

Pedro acenou para um dos homens que tinha um rádio nas costas, indicando um local junto a um muro feito de sacos de areia. Então, eles se moveram com cautela naquela direção, sabendo que estavam atrás das linhas inimigas, e que o inimigo poderia estar oculto, pronto para atacar.

O capitão ficou olhando para os dois homens abaixados a distância. Um deles retirou o rádio que carregava nas costas e começou a fazer contato com o centro de operações. Ele olhou ao redor, para os outros comandos, quando ouviu um zunido distante, que foi aumentando acima do barulho da chuva. Então, surgiu uma explosão no local onde estavam Pedro e Barcelos. Os corpos desapareceram, e, no local onde estavam, havia apenas um grande buraco. As bombas foram caindo em vários lugares. Ele viu o comando Vargas tentar se proteger dentro de um ninho de metralhadora, mas a chuva de estilhaços o desmembrou como se fosse um boneco de pano. Dois outros comandos tentaram se abrigar em um bunker, mas uma bomba de napalm atingiu o lugar, atravessando o teto destruído e transformando o seu interior em um mar de fogo, e os dois, com os corpos em chamas, saíram do bunker como tochas humanas. Um deles caiu de joelhos, pegou a pistola que tinha presa em um coldre na axila e deu um tiro na própria cabeça. O outro caiu em uma poça de água e ficou se debatendo, tentando apagar as chamas que consumiam o seu corpo.

— Maldição!

O capitão correu para se proteger, mas uma bomba de fragmentação caiu a poucos metros de onde estava, e a explosão o atirou de volta ao buraco de onde havia saído.

As explosões cessaram, e as chamas que iluminavam os corpos despedaçados e carbonizados da unidade de elite passaram a lutar contra a chuva.

Havia uma colina coberta por uma floresta de árvores com copas altas. Um comando se aproximava furtivamente, observando com atenção o cenário à sua frente. Ele segurava uma submetralhadora compacta nas mãos e carregava um iluminador laser a tiracolo. Observou o espaço com

os óculos de visão noturna e se moveu com cautela por entre os destroços sob a forte chuva, com o cuidado de se proteger na escuridão. Examinou os corpos, mas o bombardeio havia sido devastador.

Não havia nenhum sobrevivente.

O comando se aproximou do bunker para onde o capitão havia sido atirado pela explosão do bombardeio, colocou o dedo no gatilho e entrou sem fazer nenhum ruído. Do lado de fora, a chuva caía sem trégua e lutava para apagar as chamas.

Então, nas paredes do bunker destruído, surgiu a claridade do disparo de uma arma e o estampido ecoou pela floresta.

Dois dias depois, o armistício foi declarado, cessando todos os combates.

As negociações tiveram êxito e um tratado de paz foi assinado, terminando uma guerra que havia durado três longos anos. Os soldados voltaram para casa, para suas famílias e recomeçaram suas vidas.

A guerra havia acabado.

Mas esta história estava apenas começando.